

Coluna do Castello

Ass. Constituinte. 16.02 Sarney aceita parlamentarismo

O presidente José Sarney não se intrometerá nos trabalhos da Constituinte mas gostaria que na futura constituição fossem adotados alguns mecanismos do sistema parlamentarista de governo. Admite mesmo que se chegue a formas de parlamentarismo não ortodoxo, como o implantado na França e em Portugal, no qual se conciliam as duas vertentes dos regimes democráticos. Para ele é necessário que haja co-responsabilidade dos parlamentares e do governo.

O presidente manifestou esse ponto de vista ao examinar as críticas de que as decisões do seu governo, tal como acontecia nos governos anteriores, se tomam em recinto fechado, com a participação exclusiva de um grupo de ministros e assessores. As decisões são tomadas, como disse o presidente, "segundo as normas do regime". Delas o presidente do PMDB, sr Ulysses Guimarães, tem tido ciência prévia, mas disso não resulta a mobilização dos parlamentares e dos governadores desse partido em defesa ativa da política oficial.

As equipes mobilizadas para a execução da política económico-financeira são predominantemente constituídas dos economistas que durante vinte anos se distinguiram nas críticas à gestão financeira do regime anterior. "São os economistas do PMDB que me aconselham e me orientam nas minhas decisões", acrescentou. O governo tem uma participação dominante de políticos do PMDB, que ocupam 15 pastas ministeriais. Disso no entanto não decorre uma mobilização desse partido para defender a política do governo. Isso está na índole do regime presidencialista sob o qual vivemos.

Mas o presidente está satisfeito com a performance da sua administração, próxima de alcançar dois anos. O produto interno subiu em 1985 8% e subirá este ano 12%. São mais de 20% de crescimento nacional em dois anos. A dívida interna que, no passado, crescia ainda 117%, este ano crescerá apenas 17%, enquanto as despesas públicas cairão de 3,9% para 2,5%. Lembrou o presidente que recebeu há pouco grandes elogios de Galbraith, que considerou inéditos os números apresentados pela economia brasileira nestes dois anos. Só um poeta, disse-lhe o escritor e economista norte-americano, poderia fazer isto.

ANC 88

Pasta Dezembro/86

072

Insistindo na falta de partidos que dêem cobertura ao governo de que participam, o presidente José Sarney disse que a última greve resultou do fato de ter o PT perdido as eleições, pretendendo recobrar seu prestígio numa ação direta de larga envergadura. Está certo, no entanto, de que a greve fracassou, não só porque o povo não tem por que protestar como pelas medidas preventivas adotadas pelo governo. Não há desemprego, diz o chefe do governo, e a melhoria das condições de vida das camadas mais pobres "é um fato do qual me orgulho e do qual não abro mão".

Defendendo a presença do Exército, preventivamente, em alguns locais no dia da greve, o sr José Sarney disse que as Forças Armadas colaboraram na defesa de pontos críticos, como a Companhia Siderúrgica Nacional, que poderia ser destruída, e a Rede Ferroviária Federal, igualmente ameaçada pelos piquetes. A colocação de tropas nas imediações do Aeroporto do Galeão visou igualmente a evitar que as comunicações aéreas fossem interrompidas e danificados aviões e instalações do aeroporto. Na defesa da ordem interna, as Forças Armadas, sem excesso, cumpriram o seu dever, ocupando as faixas que corriam risco. Lembrou o presidente que, no Rio, a Polícia Militar não apareceu.

A propósito da propalada reforma ministerial, assegura o presidente que este assunto não está em pauta, mas, no dia em que pretender substituir ministros, não atenderá a pressões de qualquer tipo. Os partidos já têm experiência disso, na única reforma do ministério que realizou quando da desincompatibilização de ministros para disputar a eleição. "Meus ministros são escolhidos por mim", disse.

Manchete: "..."